

## Comunismo (II)

A tomada do poder pelos comunistas, na Rússia, em novembro de 1917 (outubro, no calendário até então adotado) correspondeu a uma operação militar. Achando-se o país em guerra e dispondo de efetivo que chegou a alcançar 12 milhões de homens, sucessivamente derrotado, no seio do Exército russo formaram-se organizações de soldados e demais subalternos, com a denominação de *Soviétes* (Conselhos, em russo), para obter melhores condições, tanto no que respeitava a armamentos como ao abastecimento em geral. Os comunistas não só conseguiram ter em suas mãos o comando de parte significativa daquelas organizações, surgidas na frente de batalha, como as transplantaram para as cidades. Deste modo, quando se diz que a Revolução Comunista foi obra do *Soviéte de Petrogrado*, isto significa que tinha em suas mãos o controle de parte significativa da guarnição da Capital.

A Revolução Comunista ocorreu às vésperas da realização de eleições para a Assembléia Constituinte, espécie de coroamento da derrubada da monarquia em fevereiro daquele ano e da organização de governo parlamentar. Tratava-se de impedir que se coroasse o projeto de reordenamento institucional, em moldes democráticos.

Os comunistas dividiam o poder, nos *Soviétes*, com o Partido Social Revolucionário, que representava o campesinato, maioria da população. Deste modo, após consolidar o poder em todo o território e firmar a paz em separado com os alemães, o Partido Comunista tratou de esmagar os sociais revolucionários. O pretexto consistiu na resistência dos camponeses em entregar ao governo os excedentes de produção, isto é, o que seria destinado ao mercado. Havia sido decretado *comunismo de guerra*: todas as atividades produtivas passavam às mãos do Estado. Como os sociais revolucionários haviam conseguido que, no único dia de funcionamento da Constituinte tivesse sido adotada reforma agrária que lhes destinava a terra dos nobres --e não tendo o governo comunista forças para impedir a efetivação da providência-- tiveram que se defrontar com esse problema. A insistência pela aplicação do *comunismo de guerra* no campo levou o país a cruenta guerra civil, que durou cerca de três anos. A fim de dar-se conta das dimensões assumidas pela guerra civil, basta indicar que em julho de 1918 – quando o governo estava prestes a completar dois anos – os bolchevistas lutavam numa frente de 1.800 km no Norte e mais ou menos na mesma extensão no Sul. O chamado "governo branco" instalara-se em Murmansk, cidade localizada no Extremo Norte da Rússia.

Em março de 1921, o governo comunista resolveu revogar aquela disposição, sendo introduzida a chamada “Nova Política Econômica-NEP”, segundo a qual institucionalizava-se no país mercado para livre comercialização dos produtos da agricultura.

Como a reforma agrária e a NEP facultaram o surgimento de uma camada de camponeses ricos (*kulaks*, em russo), em fins dos anos vinte introduziu-se a chamada “coletivização”. Restaurava-se o antigo sistema de organização da produção no campo: pequenas glebas (de até dois hectares) para cada família camponesa, ao lado das grandes fazendas, agora estatizadas. O primeiro grupo denominou-se de *kolkoze*; e, as fazendas estatais, de *sovkoze*.

Do ponto de vista da organização estatal, Lenine deu-lhe uma configuração que assegurava o domínio e monopólio do poder pelo Partido Comunista. Neste, foram proibidas as dissidências. O controle está em mãos de um pequeno grupo, o Birô Político ou Secretariado. Com o tempo, o Secretário Geral passou a ocupar a Presidência do Conselho de Ministros (no começo da Revolução foi denominado de Conselho dos Comissários do Povo), que exercia o Poder Executivo. Nas diversas

regiões, os *Soviétes* foram transformados em órgãos da administração local. No plano nacional, correspondia ao simulacro de Parlamento, com a denominação de *Soviéte Supremo*. Reunia periodicamente para referendar disposições do Conselho de Ministros. Elegia ainda o Presidente, que tinha a função decorativa de representar o país nas solenidades.

O PCUS controlava as Focas Armadas através de Comissários Políticos, presentes em todas as unidades.

Na prática, o Secretário Geral Partido Comunista tornou-se um verdadeiro ditador. Cronologicamente, tivemos:

*Lenine* (pseudônimo de Vladimir Ilitich Ulianov), da instalação do governo soviético (novembro, 1917) a 1922. Embora somente haja falecido em 1924, tendo sofrido um atentado, nos últimos anos de vida esteve bastante enfermo;

*Stalin* (pseudônimo; de nascimento: Iossif Vissarianovitch Dugashivili, 1878/ 1953). Foi o mais longo ditador soviético, desde que exerceu o poder de 1922 a 1953 (31 anos);

*Nikita Krushov* (1894/1971). Com a morte de Stalin (1953), organizou-se um triunvirato, destinando-se a Krushov o cargo de Secretário Geral do PCUS. Contudo, sem conseguir firmar-se no poder, sobretudo por ter tentado uma certa abertura (libertação dos presos políticos; admissão, por certo tempo, de liberdade para alguns dissidentes, como o grande escritor Alexander Soljenitz--1918/2008, que entretanto teve que exilar-se), acabou vítima de golpe de Estado. Ficou famoso por haver, no XX Congresso do PCUS, em 1956, reconhecido os crimes políticos da União Soviética, atribuindo-os, entretanto, a Stalin. O “relatório Krushov” provocou uma franca debandada no interior dos Partidos Comunistas, em todo o Ocidente, e insurreições em países-satélites do Leste, violentamente sufocadas pelo Exército Soviético.

*Leonid Brejnev* (1906/1982). Com a morte de Stalin, foi-lhe dado um cargo decorativo (a Presidência do *Soviéte Supremo*). Contudo, conseguiu articular golpe de Estado e derrubar a Krushov em 1964. Sob a sua direção, o exercício da ditadura soviética regressou ao molde tradicional.

*Yuri Andropov* (1914/1984). Com a morte de Brejnev, veio a ser designado Secretário Geral do PC e, de modo simultâneo, Presidente do Conselho de Ministros. Devido a saúde precária, esteve no poder por pouco tempo. Era o chefe da KGB, graças ao que estava bem a par da grave situação econômica pela qual passava o país. A par disto, tendo exercido as funções de uma espécie de interventor soviético na Hungria, fizera a experiência de resolver os problemas econômicos admitindo a presença de empresas estrangeiras e certos níveis de privatização, mantido o férreo controle político. Consciente de que sua passagem pelo poder não se prolongaria, preparou o substituto.

*Mikhail Gorbachov* (nascido em 1931). Designado por Andropov, coube-lhe substituí-lo, escolhido Secretário Geral do PCUS em 1985. Decidiu entretanto promover, ao mesmo tempo que a abertura econômica, programada pelo antecessor, uma abertura política saudada pelo Ocidente onde tornou-se, na verdade, uma figura muito popular. Afinal, o comunismo parecia enveredar pelo caminho do restabelecimento da convivência civilizada entre as pessoas. Na verdade, não se dispunha a abdicar do socialismo, tendo suscitado a idéia de “socialismo de mercado”. Avançou inclusive teses “revolucionárias” para o ambiente local, como as seguintes: 1ª) Marx não conseguiu prever o desenvolvimento do capitalismo; e, 2ª) a subestimação das possibilidades do capitalismo levou os soviéticos a se propor a superação das maiores nações capitalistas, o que se revelou uma impossibilidade. Como uma espécie de demonstração de que a situação havia escapado de seu controle, movimento pacífico na

Alemanha Oriental levou à derrubada do Muro de Berlim, a 9 de novembro de 1989, e, como decorrência, o fim do regime comunista. A 3 de outubro do ano seguinte (1990), teve lugar a reunificação alemã. Ao que se supõe, tais acontecimentos levaram a “linha dura” soviética a supor que havia chegado a hora de derrubar a Gorbachov, no estilo tradicional. Em agosto de 1991, promoveu golpe de Estado, destituindo-o. Não contava, entretanto, com a rebelião nas fileiras do próprio Partido Comunista. Sob a liderança de um dos seus dirigentes -- Boris Ieltsin (1931/2007)-- organiza-se a resistência, movimento que seria vitorioso. A Federação Russa abandona a União Soviética, com o que decreta o seu fim. Ieltsin convoca eleições imediatas e elege-se Presidente. Começa tortuoso (e, ao que tudo indica, longo) caminho de instauração de regime democrático, pela primeira vez na milenar história do país.

A prática do terror pelo regime soviético seria instaurado por Lenine, com vistas à aplicação do que então se denominou de *comunismo de guerra*. Lenine imaginou que desencadeando-o, contra os empresários agrícolas, os isolaria no campo. Baseado na suposição de que a reivindicação era da minoria, baixou instruções do tipo da que transcrevemos, tornadas acessíveis com a abertura dos arquivos da KGB.

O documento do que se trata foi tornado público por um de seus biógrafos. Consiste num memorando encaminhado à Tcheka --primeira denominação da futura KGB--, que estava diretamente subordinada à Presidência do Conselho de Comissários do Povo (posteriormente Conselho de Ministros, conforme se referiu): "Camaradas! A insurreição de cinco distritos camponeses (*kulaks*, no texto) precisa ser implacavelmente esmagada..... 1. Enforcuem (e estejam seguros de que o enforcamento terá lugar às vistas de todo o povo) não menos que uma centena de conhecidos *kulaks*, pessoas ricas, especuladores; 2. Publiquem seus nomes; 3. Confisquem toda a sua produção; 4. Façam reféns .... Alardeiem tudo isto de modo que, em centenas de quilômetros em torno, o povo possa ver, inteirar-se e tremer, gritando: eles estão estrangulando e irão estrangular até a morte os *kulaks* especuladores". ( In Robert Service. *Lenin: a Biography*. Harvard University Press. 2001).

Ainda que, no caso do campesinato, o governo soviético tenha sido obrigado a capitular, segundo se indicou, progressivamente a praxe indicada viria a ser adotada de modo sistemático. A resistência camponesa tinha o apoio dos remanescentes armados do Exército Czarista, possibilidade de que não dispuseram as outras camadas da população e nem mesmo os habitantes do meio rural, com o decorrer do tempo.

Além de iniciar sua prática, Lenine legou aos sucessores doutrina justificando a natureza violenta de que deveria revestir-se a ditadura do proletariado, já que se tratava de eliminar as demais classes. Entre outros textos de sua autoria, destaca-se o que foi divulgado com a denominação de *Discurso sobre o engano do povo com as palavras de ordem de liberdade e igualdade* (1919).

O sistema político institucionalizado pelo Partido Comunista da União Soviética foi batizado de *totalitarismo*. Distingue-se das formas tradicionais de autoritarismo por duas razões principais: 1ª) os regimes autoritários costumam tolerar o que, por vezes, de modo pejorativo, é classificado como “oposição consentida”. Em que pese a desvalorização refletida em tal nome, a nossa própria experiência indica que esta pode ser utilizada para a remoção do regime vigente; e, 2ª) complementarmente à característica anterior, o sistema representativo é substituído pelo denominado *sistema cooptativo*. Os ocupantes do poder são designados pela cúpula. Mesmo quando tal veio a ocorrer através de eleições, a situação sempre obteve uma quase unanimidade: zero de abstenção e até 99% dos votos em favor da lista oficial. A par disto, os comunistas russos inauguraram a prática de promover formidáveis demonstrações de massa, para indicar ao mundo que dispunham de apoio popular.

Esse desfecho sempre intrigou aos analistas ocidentais. O regime dava provas sucessivas de comportamento odioso. Logo no começo da Revolução (1921), os marinheiros da base de Kronsdatt ensaiam uma revolta e foram todos fuzilados. Essa base tornara-se famosa por haver decidido, em favor dos comunistas, o confronto armado de outubro de 1917. Logo adiante, fuzilamentos em massa de camponeses que se recusavam a entregar os excedentes, como foi mencionado. Em fins dos anos vinte, veio a ser aniquilado todo um grupo social, os empresários agrícolas (*kulaks*), emergentes em decorrência da reforma agrária. Calcula-se que os *kulaks* corresponderiam, em toda a Rússia, a oito milhões de pessoas. Logo adiante, nos começos da década de trinta, os principais líderes do Partido Comunista foram processados, confessando publicamente haverem conspirado contra a liderança de Stalin, fuzilados em decorrência. Essa repressão, em escala inusitada, foi reconstituída por pesquisadores franceses, sob a coordenação de Stephane Courtois, na obra que se tornaria best-seller: *O livro negro do comunismo. Crimes. Terror. Repressão* (1997).

Não obstante, impressionantes desfiles de multidões, nas datas solenes do comunismo, portando retratos dos líderes e cartazes com o símbolo do regime: a foice e o martelo.

O mistério foi desvendado por uma pesquisadora de origem alemã -- Hannah Arendt (1906/1995)-- que deu conta de seu resultado no texto *O sistema totalitário* (1951), geralmente publicado como parte de obra que considera outros componentes dos regimes dessa índole, intitulada *Origens do totalitarismo*.

Hannah Arendt se dispôs a fazer uma coisa simples, embora trabalhosa: examinou a volumosa documentação apreendida pela Alemanha, nas cidades que chegaram a ocupar na União Soviética, durante a guerra. Nesse conjunto havia aqueles que desde então passaram a ser denominados de “Cadernos de Smolensk”, contendo minucioso registro da vida na cidade desse nome, elaborado pelo Partido Comunista local.

Detectou o seguinte comportamento padrão aplicado pelos comunistas: onde quer que uma pessoa se destacasse (escola, fábrica, organização sindical, etc.), sem que para tanto tivesse sido designado, isto é, em se tratando de liderança espontânea: todos passavam a ser seguidos sistematicamente pela polícia. Tinham seus passos minuciosamente registrados, em especial eventuais estreitamento de relações com outros indivíduos, que também passavam a ser abrangidos pela espionagem.

Um belo dia a polícia prende a pessoa em causa e estabelece em torno do assunto o mais completo silêncio.

Quase invariavelmente, os indivíduos próximos da pessoa em causa, sentindo-se ameaçadas, voluntariamente dispunham-se a colaborar com a polícia e referendar qualquer tipo de acusação. Os que não o fizessem, candidatavam-se a tornar-se elo inicial de uma nova cadeia.

A par disto, os soviéticos iniciaram a prática de recolher prisioneiros a campos de trabalho forçado --que passariam à história com o nome de *gulags*--, prisões que se tornariam conhecidas (e sobretudo temidas).

Dessa descrição Hannah Arendt soube tirar uma conclusão extraordinária: os comunistas conseguiram *quebrar a solidariedade* entre as pessoas. Não era possível confiar em quem quer que fosse.

Diante deste quadro, convencera-se da impossibilidade de por fim a tal regime. Louvando-se de que outra variante do totalitarismo, o nazismo --aparentada com a experiência soviética, a partir mesmo do fato de considerar-se a vertente nacional do socialismo--, somente fora eliminada pela guerra, supôs que fora dessa hipótese o comunismo russo sobreviveria.

Acontece que, num país satélite, formou-se movimento destinado precisamente a reconstituir a solidariedade (a confiança) entre as pessoas. O movimento assim

denominado, na Polônia, acabou transformando-se num rastilho de pólvora que iria culminar com a derrubada do Muro de Berlim, seguida do fim da União Soviética. Naturalmente outras variáveis atuaram naquele sentido. Contudo, não se pode perder de vista que a mensagem do *Movimento Solidariedade* era precisamente esta: juntem-se a nós que não se trata de nenhuma armadilha do regime.

Quanto ao processo psicológico que levou consagrados dirigentes comunistas a fazer *mea culpa*, publicamente, veio a ser explicado por Artur Koestler (1905/1983), na obra *O zero e o infinito*

Ainda ligado ao movimento comunista internacional, Koestler impressionou-se com o fato de que todos os dirigentes submetidos aos processos de Stalin acabavam de público reconhecendo suas culpas. Como foram fuzilados, ficou-se sem saber por que haviam agido de modo tão estranho, sobretudo pela circunstância de que as acusações eram primárias e grosseiras, como a de que pertenciam a serviços de espionagem estrangeiros ou que haviam organizado complôs para matar Stalin.

A hipótese de Koestler é a de que, sendo comunistas convictos, isto é, acreditando na marcha inexorável da história para a sociedade perfeita (o comunismo), não lhes cabia provocar uma cisão no Partido Comunista que pudesse de alguma maneira retardar aquele desfecho. O país era atrasado e para impor a disciplina requerida pela transformação da sociedade eram necessárias figuras brutais como Stalin e não intelectuais humanistas.

Essa hipótese viria a ser plenamente confirmada, graças a que um dirigente comunista tcheco, Arthur London, sobreviveu à “confissão”. Poucado do fuzilamento e libertado com a chamada “Primavera de Praga”- liberalização do regime ocorrida em 1968, brutalmente esmagada pelos tanques soviéticos –, Arthur London passou ao Ocidente onde teve oportunidade de relatar sua história. O incidente marca o rompimento com o Partido Comunista do conhecido ator francês Yves Montand, que aceitou fazer o papel de London no filme *Acuso*. Para estarem geral, London reconheceu que mentira por acreditar que, embora se tratasse de um grande equívoco, a longo prazo o comunismo tinha razão.

No seu longo “reinado”, Stalin conseguiu montar máquina de propaganda sem precedentes na história, graças à disseminação de Partidos Comunistas, de todo subservientes. Buscava fazer crer que as manifestações de apoio seriam espontâneas, comprovando que os descontentes não passavam de minoria. Ao mesmo tempo, o sistema era apresentado como tendo sido capaz de resolver os aspectos negativos da sociedade industrial. Essa propaganda se revelou tão eficaz a ponto de que uma personalidade eminente, como Norberto Bobbio, tivesse assumido a responsabilidade de estabelecer que a diferença que guardava do modelo ocidental consistia na primazia atribuída à igualdade, em detrimento da liberdade.

Nos tempos de Gorbachov já se ficou sabendo, oficialmente, através do Comitê Estatal de Estatística da URSS, que cerca de um terço da população do país era classificada como pobre (dados de 1988). A discriminação desse dado permitiu verificar que, em conformidade com padrões ocidentais, a classificação correta seria tê-los na condição de indigente, categoria que praticamente desapareceu nos países desenvolvidos. Nestes, os pobres oscilam em torno de 15%. Com o fim da União Soviética, verificou-se que a classe média era minoritária, ao contrário da Europa e dos Estados Unidos. Num quadro destes, como falar de igualdade?

Portanto, o fim da União Soviética veio confirmar a tese de que se tratava da *Grande mentira*, aventada por outro ex-dirigente comunista: Lezeck Kolakowski.

## Saiba mais

### Indicações sobre a Rússia à época da Revolução de Outubro

Os comunistas tomaram o poder na Rússia a 25 de outubro de 1917 (pelo antigo calendário, discrepante do ocidental, posteriormente adotado com o que a data passou a ser comemorada a 7 de novembro). Tratou-se de uma operação militar. Os comunistas controlavam a guarnição da capital, Petrogrado. Para estender o seu domínio ao resto do país, contaram com o apoio dos sociais revolucionários. A fim de compreender esse processo é essencial ter-se uma idéia, ainda que sumária, da situação do país à época.

A Primeira Guerra Mundial mobilizou contingente colossal de tropa, de proporções desconhecidas na história da Europa. Os maiores países que formavam a Aliança contra a Alemanha e o Império Austro-Húngaro contavam com estes efetivos: Rússia, 12 milhões; Inglaterra, 8,9 milhões e França, 8,4 milhões. Os americanos, que entraram tardiamente na guerra, enviaram à Europa 4,3 milhões de homens em armas.

O desempenho russo no conflito seria catastrófico. Sofreu sucessivas derrotas na parte do seu território que correspondia à Polônia, anexada ao império russo desde 1868.. Em 1916 a luta travava-se na parcela subsequente de seu território, isto é, na própria Rússia. O abastecimento entrou em colapso. O oficialato desmoralizava-se a olhos vistos chegando ao ponto da soldadesca recusar-se a obedecer-lhe em várias partes do front. A desmoralização atingia o czarismo como um todo. Contando com o apoio de parte expressiva dos Estados Maiores, a liderança civil obrigou o Czar a abdicar. Em fevereiro de 1917 o órgão consultivo (eleito), criado há poucos anos, com a denominação de **Duma** integrada por personalidades reconhecidas da elite, auto-proclamou-se Parlamento, com a intenção de introduzir no país regime constitucional (até então preservara-se monarquia absoluta) e governo parlamentar. Formaram-se no país duas grandes agremiações: o Partido Constitucional Democrata (cuja sigla em russo era **Kadiet**), liderado por Kerenski, que se tornou chefe do governo. E o Partido Social Revolucionário, que representava os interesses do meio rural. Havia ainda outras menores.

O governo parlamentar convocou eleições para a Assembléia Constituinte, a serem realizadas em começos de novembro. Ocupou-se de manter a economia em funcionamento. A Rússia era grande produtora de cereais, notadamente de trigo, tradicional fornecedor á Europa. Ao mesmo tempo, tinha uma indústria relativamente desenvolvida, sendo inclusive grande produtor de aço. A singularidade residia no fato de que o Estado registrava uma grande presença na economia: diversos setores industriais consistiam monopólio estatal achando-se também em suas mãos o principal meio de transporte (ferrovias). Indiretamente controlava um terço da indústria não atingida pelo monopólio. Os alemães eram os principais investidores estrangeiros, contando seus empreendimentos com participação estatal. Finalmente, o Banco do Estado controlava todo o sistema financeiro do país.

Para corresponder ao apoio que merecera das potências aliadas, Kerenski procurou reorganizar o Exército e manteve a guerra contra a Alemanha. Acontece que aqui a situação era muito complexa. No movimento revolucionário ocorrido no começo do século (1905), os participantes formaram Conselhos (**Sovietes** em russo) como uma espécie de governo paralelo. Esse tipo de organização havia voltado a proliferar, desta vez na frente de batalha, como resultado do descontentamento dos soldados. Na altura, nos balanços de que se dispõe admitia-se que as perdas totalizavam 4,3 milhões (1,8 milhão de mortos e 2,5 milhões de prisioneiros), de que resultaria efetivo remanescente

perto de 8 milhões. Descontados os feridos--que andavam na casa dos dois milhões – a tropa era muito numerosa: 6 milhões de homens. Juntamente com os sociais revolucionários, os bolchevistas controlavam os Soviètes integrados por soldados. Adicionalmente, trataram de constituir organizações semelhantes nos principais centros industriais do país, sendo que não se dispõe de registro de seus efetivos. De todos os modos, tem-se uma idéia da complexidade da situação enfrentada por Kerenski.

Os bolchevistas decidiram obstar o processo de implantação dos órgãos do sistema democrático representativo, experiência pioneira na Rússia secularmente submetida à monarquia absoluta. Lançaram a palavra de ordem de "Todo o poder aos Soviètes". Para alcançar tal objetivo, precisariam contar com o apoio dos sociais revolucionários que participavam da Duma e apoiavam Kerenski. Acontece que este não conseguiu alterar a situação na frente de batalha. Não se vislumbrava a possibilidade de derrota dos alemães. Tratava-se de uma guerra basicamente de trincheiras, com combates permanentes em extensas frentes. A realização das chamadas ofensivas, para alterar esse quadro, exigia a mobilização de contingentes adicionais e de outros meios, de muito difícil consecução nas condições da Rússia.

Os bolchevistas convocaram o Congresso dos Soviètes de Toda a Rússia para o dia 25 de outubro. Queriam anteceder-se às eleições para a Constituinte convocadas para começos de novembro (pelo antigo calendário). Antes da instalação do Congresso, o Soviète de Petrogrado, que dominavam, ocupou os pontos estratégicos da Capital e avançou para a tomada do Palácio de Inverno (sede do governo), operação que se consumou em plena instalação do Congresso. Estavam presentes 562 delegados, dos quais 382 bolchevistas (cerca de 70%), sendo os restantes sociais revolucionários. O conclave consagra a posse (simbólica) do poder pelos Soviètes. Tinha-se notícia de que Kerenski havia abandonado o país.

Ocupados com a formação do governo e ainda não tendo decidido a situação militar no resto do país, os bolchevistas não tiveram condições de impedir as eleições para a Constituinte e, a fim de não se verem isolados, delas participaram. Votaram 36,3 milhões de eleitores. Tratava-se de contingente eleitoral expressivo, correspondendo a cerca de 30% da população (140 milhões), sem computar a Polônia e os países bálticos que, devido à guerra em seu território, não participaram do processo.

Os grandes vitoriosos foram os sociais revolucionários (58% das cadeiras). Os bolchevistas ficaram com 25% e os cadetes com 13%. A Constituinte elegeu para a Presidência um social revolucionário. Desejoso de impor suas reivindicações aos bolchevistas, a Presidência social revolucionária não permitiu que Lenine falasse como chefe de governo mas apenas como líder de bancada. Adicionalmente, a Assembléia, nesse mesmo dia, aprovou a reforma agrária (divisão da terra dos nobres entre os camponeses). Os bolchevistas eram contra mas aceitaram a decisão e comprometeram-se a cumpri-la para assegurar a adesão do Partido Social Revolucionário. Alcançado este, a Assembléia foi dissolvida.

O apoio dos sociais revolucionários permitiu aos bolchevistas ocupar o poder no resto do país.